

## **“É uma questão de céu e inferno”: letramentos e formação identitária por meio da análise de discursos religiosos**

## **“It is a matter of Heaven and Hell”: literacies and identity formation through the analysis of religious discourses**

*Jonatas Michel Kuchnir* é acadêmico do 2º ano do Curso de Letras Português Francês na Universidade Estadual de Ponta Grossa.

E-mail: <jonatas\_michel@live.com>

*Gabriel Maciel de Lima* é acadêmico do 2º ano do Curso de Letras Português Francês na Universidade Estadual de Ponta Grossa.

E-mail: <brielmaciel95@gmail.com>

### **Resumo**

Sob a égide da Análise do Discurso e Letramentos Ideológicos, este artigo objetiva analisar alguns comentários de uma notícia no site *Gospelprime.com*, de cunho religioso. Partiremos do pressuposto de que toda e qualquer mídia é um formador identitário, pois utiliza-se de ideologias para letrar os sujeitos. Ao ter acesso a essa forma de letramento ideológico, a identidade dos sujeitos é (re)formulada, visto que nossas leituras de mundo nos fornecem novas possibilidades de ver e ver-se o/no mundo. O discurso religioso é uma delas. Um discurso que tem por objetivo alcançar o maior número de sujeitos possíveis na intenção de levá-los a um assujeitamento a Deus, pois essa é a única forma de obter salvação, segundo a Bíblia. Nesse contexto, observaremos que as novas mídias desempenham um papel fundamental, tendo em vista que é exatamente ali (e não só ali) que os fiéis reproduzem seus discursos e ratificam sua identidade. Palavras-chave: Discurso religioso. Formação identitária. Letramentos. Mídias.



## Abstract

Under the aegis of the Discourse Analysis and Ideological Literacies, this article aims to analyze some comments on an article on the religious website *Gospelprime.com*. We hereby assume that every media is identity-forming, since it makes use of ideologies to literate people. When people have access to this ideological model of literacy, their identity is (re)formulated, since the way we read the world gives us new possibilities to see the world and/or to see ourselves in the world. Religious discourse is one of them. It brings a discourse that aims to reach the largest possible number of people in the intent to take them to a subjection to God, since, according to the Bible, this is the only way to salvation. In this context, we will observe that the new media play a key role, given that it is where (but no only) that believers reproduce their speech and confirm their identity

Keywords: Religious discourse. Identity formation. Literacies. Media.

## Introdução

Identidades múltiplas, novas mídias, novas oportunidades de expressão, letramentos ideológicos, quebra da noção de tempo e espaço e uma sociedade em crise na loucura do capitalismo. Todos somados ao discurso religioso: haverá obstáculos para uma difusão mais enfática de suas ideologias?

Este artigo não ousa responder a essa questão. Mas, por meio da análise de uma notícia no site *Gospelprime.com*, de cunho religioso, verificaremos a emergencialidade de novos estudos na área e que aprofundem um pouco mais as possíveis consequências sociais de um discurso que, muitas vezes, não mede esforços para atingir a todos.

Inicialmente, discutiremos sobre as formas de letramentos e seus conceitos. Verificaremos que duas vertentes são muito trabalhadas: a autônoma e a ideológica. A primeira desconsidera o contexto de letramento, observando a prática por si mesma. Já a linha ideológica, usada para fomentar as discussões deste artigo, toma por base os contextos históricos, culturais e sociais das práticas de letramento.

Partindo desse princípio, tomamos por base o modelo ideológico e buscamos conciliá-lo com a construção identitária dos sujeitos.



Para tanto, nos apoiamos em uma visão de língua tendo por base os discursos e suas implicações na maneira como observamos o mundo. Adiante, pensamos nas novas mídias como ferramentas das instituições na perpetuação de alguns discursos e ideologias. Enfim, focaremos nos discursos religiosos, seu contexto e força na transmissão de suas ideologias, e verificaremos que a disseminação do discurso religioso, ante a análise realizada, pode ser “uma questão de céu e inferno” para alguns sujeitos.

### **1. Letramentos: autônomo e ideológico**

Decorrentes de estudos antigos, datados desde o século XVI, as práticas de letramento estiveram ligadas intrinsecamente ao Estado, à formação de identidades nacionais e à situação econômica de cada época (tal motivo que, hoje, vê-se entre as decorrentes discussões já citadas), sendo um dos fatores principais para as alterações sociais (MORTATTI, 2004).

Esses estudos ganharam um vasto campo para exploração com o decorrer do tempo. As inspeções de grupos, em relação à sua escrita e oralidade (e não se limitando a isso), determinaram certas condições no quesito “ensino” dessas duas características. A variabilidade de resultados era enorme, uma vez que dependia totalmente da questão social desses grupos – o que enriqueceu as pesquisas, percebendo que o letramento é “maleável”, aplicável de acordo com a possibilidade e a necessidade demandada.

Pensando nisso, ainda não é possível tornar o termo letramento como parte do dicionário, mas, conhecendo a raiz da então variabilidade de resultados, há uma definição geral para os caminhos que seguem os letramentos:

(...) letramento significa uma prática discursiva de determinado grupo social, que está relacionada ao papel da escrita para tornar significativa essa interação social, mas que não envolve, necessariamente, as atividades específicas de ler ou de escrever (KLEIMAN, 1995, p. 18).

A partir disso, é preciso entender que o letramento não se limita a uma prática de ensino de escrita e oralidade, pois essa é ligada à alfabetização, considerando a significação do termo no dicionário. Saber que existem crianças que, mesmo antes de entrarem no ensino primário, entendem a ideia de uma sentença toda é prova de que o letramento vai além do que é ensinado nas escolas. Práticas escritas e orais acabam por serem habilidades que complementam o letramento de um indivíduo, mas não a totalidade do seu conhecimento sobre o uso da linguagem.



Entre essas diversas práticas de letramento, existem duas que, ao se distanciarem muito uma da outra, acabam sendo essenciais para o conhecimento do modelo como um todo. Angela Kleiman (1995) possui uma base significativa para os estudos desse meio, e é nessa base que se tem as definições para o que estamos buscando neste artigo. E, assim, é importante colocar aqui as pesquisas acerca do Modelo Autônomo de Letramento e do Modelo Ideológico de Letramento.

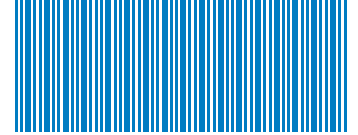
A primeira é muito objetiva. O modelo autônomo se preocupa com a aprendizagem da escrita como um modelo autossuficiente, sem a necessidade de contexto para a sua inserção e, dessa forma, independente da interpretação reproduzida pela oralidade. A oralidade é viés de comunicação, carente de interlocutores e das relações entre eles. Há aí, pois, uma dicotomia: a descontextualizada produção da escrita e as relações interpessoais reproduzidas pela oralidade.

Tecnicamente, o conceito de modelo autônomo é bem próximo do que vimos da alfabetização, o tipo de prática de letramento que temos hoje nas escolas, o processo de aquisição de códigos (alfabético, numérico) (KLEIMAN, 1995). Consequentemente, o sujeito que não dispõe desse modelo de letramento, hoje é considerado analfabeto. Abrindo a porta para a classificação de pessoas analfabetas, começa-se também a promoção de desvalorização de classes, marginais em relação àqueles que dispõem do conhecimento prévio do modelo autônomo.

E, considerando as características desse modelo descontextualizado (ao tratar da escrita), chegamos ao segundo modelo a explorar: o Modelo Ideológico de Letramento, que, para nós, convém mais como método de pesquisa.

O modelo ideológico difere-se já inicialmente do modelo autônomo no que se refere: “(...) ao fato de que todas as práticas de letramento são aspectos não apenas da cultura mas também das estruturas de poder numa sociedade” (KLEIMAN, 1995). Portanto, para o entendimento desse sistema, não há a necessidade de esquecer as características autônomas de letramento, mas saber no que se diferem e por que se diferem umas das outras.

Ao pensar num exemplo para a eficácia da modalidade ideológica, Kleiman (1995) apresenta uma situação interessante. Se pensarmos em crianças de classe média e crianças de classe alta, mesmo que havendo diferenças na interação dos pais com



as crianças, existem peculiaridades acerca de ambas. Quando o adulto lê “estorinhas” (e esse é o termo usado pela autora) desde bebê, a criança tem a capacidade de ligar características de caráter escrito às características presentes no ambiente externo a ela (sejam as cores, personagens, sentimentos etc.). A diferença que se tem, depois, é encontrada a partir do momento em que a criança está na escola e aplica seus conhecimentos prévios nas atividades propostas pelo professor: com o passar do tempo, a criança de certa classe acaba tendo melhor desempenho que a criança da outra classe.

Extraíndo esse fator social de desenvolvimento da criança, e focando em como a aprendizagem acontece em seu meio, é relevante notar a peculiaridade a que essa se submete ao interagir com o letramento ideológico, iniciando desde cedo a fazer interações entre o que escreve, ouve e lê com o que se tem de conhecimento de mundo. Dessa forma, está aí a grande diferença entre os modelos de letramento: a capacidade de interagir com o externo de uma, e a materialização objetiva da aprendizagem, de outra.

Considerando que o Modelo Ideológico de Letramento tem como base esse conhecimento de mundo e a interação com o externo ao ser, convém explorá-lo para tratar de algumas questões mais específicas ainda no que temos até agora como letramento. É a partir disso que podemos salientar algumas discussões, como as que foram exemplificadas no começo do capítulo.

## 2. Letramentos e discurso

Conforme as pesquisas apontadas anteriormente, as novas abordagens de letramento não mais o focam de maneira indeterminada social e culturalmente, mas, sim, o tem como práticas discursivas de determinados grupos sociais em contextos específicos. Em outras palavras, como aponta Kleiman (1995), “as práticas de letramento mudam segundo contexto”, sendo este social, histórico e cultural.

Dentro dessa perspectiva, não mais podemos pensar em língua na visão dos estruturalistas, pois esse conceito já não cabe mais ao pensarmos em letramentos ideológicos. Adotaremos, para compreender melhor todo esse cenário, uma visão discursiva da língua. Para Jordão (2007):

Ora entendida como código estruturador do pensamento, ora como sistema interpretativo do mundo, a língua passou a ser concebida por alguns pós-



estruturalistas (como Foucault e Derrida, por exemplo) como discurso, como sistema de construção de sentidos, ao invés de código transmissor de sentidos exteriores a ela. Isso significa dizer que a percepção não apenas de língua, mas da realidade e de nossa relação com o mundo são diferentes na visão de língua como discurso e da língua como código. (JORDÃO, 2007, p. 20).

Pensar em língua como discurso, segundo a autora, é ver o mundo de outra forma. É ter consciência de que as culturas – institucionalizadas e hegemônicas – conferem “capital diferenciado” a determinados valores, comportamentos, produtos, morais (...) e que esse capital cultural não é intrínseco, mas atribuído, reitera Jordão. Dessa forma, apoiados em Kleiman (1995), podemos afirmar que as práticas de letramento estão intrinsecamente ligadas a esse “capital cultural atribuído” e que, por ser atribuído, determinará relações de poder dentro da sociedade.

Em uma perspectiva marxista, na qual há uma constante luta entre classes sociais, notamos a existência de um discurso ideológico que, utilizando-se de várias manobras, serve para legitimar o poder de uma classe dominante. Esse discurso é um instrumento de dominação de classe porque a classe dominante faz com que suas ideias passem a ser ideias de todos (BRANDÃO, 2004). Em uma noção mais ampla, notamos que nenhum discurso é neutro. Todo discurso é ideológico, tendo em vista que tenta, muitas vezes de forma implícita, transpassar uma visão de mundo de uma determinada comunidade social numa determinada circunstância.

A linguagem constrói as realidades/verdades que conhecemos: ela nos possibilita interpretar as realidades que percebemos no mundo e assim elaborar nossas verdades sobre ele. Tanto a linguagem quanto a realidade/verdade são sempre ideológicas e localizadas, determinadas pelas perspectivas dos sujeitos que as constroem e delas fazem uso em procedimentos culturalmente estabelecidos. (JORDÃO, 2007, p. 21).

Essa perspectiva evidencia que tudo o que vivemos e presenciamos é verbalizado no mundo por meio da linguagem. Em outras palavras, a linguagem é um elemento de mediação entre o homem e sua realidade. Esta, enquanto discurso, não é neutra, mas sim um lugar privilegiado de manifestação da ideologia. Quem fala, fala de algum lugar para alguém e com alguma intenção, por mais implícita que seja. Destacamos, assim, a relação do locutor (enquanto sujeito), seu enunciado e o mundo, principalmente no que tange às condições de produção desse enunciado (contexto sócio, histórico e cultural).



O convívio com esses enunciados e contextos discursivos são, do ponto de vista ideológico, ferramentas de letramento. Não pensemos aqui no letramento restrito aos muros da escola, mas fora dela. Uma igreja, por exemplo, com seus rituais e discursos singulares, é um espaço de letramento. Um membro que nunca tenha frequentado uma escola e que vá com assiduidade à igreja, aprenderá seus rituais e, muito provavelmente, reproduzirá seus discursos.

Em síntese: somos seres inseridos dentro de uma cultura. Nossos discursos estão intimamente ligados às ideologias dessa cultura. Quando falamos, essas ideologias são verbalizadas sem que tenhamos consciência de que o que falamos está previsto de acordo com o contexto em que estamos inseridos. Porém, muitas vezes, essa ideologia inconsciente (porém nunca neutra) passa a ser consciente de tal forma que os discursos então proferidos passam a ser intencionais. Isso pode ocorrer, segundo Brandão (2007), especificamente com determinados discursos institucionalizados, como o político, o religioso e o da propaganda, entre outros.

### **3. As novas mídias e o discurso religioso: construção identitária**

Nos últimos anos, notamos mudanças significativas nas relações humanas. Isso se deve ao fato de estarmos vivendo em uma era digital na qual a tecnologia nunca esteve tão presente. Esse grande fluxo de informações e a rapidez com a qual essas informações são trocadas diminuem as distâncias e alteram a noção de tempo que tínhamos até então. Conseqüentemente, surgem novas formas de ver e viver a experiência humana (PINHEIRO, 2007) e os sujeitos passam a ter identidades múltiplas e fragmentadas, criando e recriando-se o tempo todo.

É nesse contexto que a mídia, segundo Pinheiro (2007), sobretudo a mídia eletrônica, “torna-se um espaço central não só para a difusão da informação renovada, como também para a permanente (re)construção das identidades sociais”. A nossa participação nas mais diversas esferas sociais – muito mais abrangente com a internet – também determina quem somos e (re)constrói nossa identidade.

A sociedade pós-moderna – em que as tecnologias da informação e a mídia transformam a cultura em um espetáculo a ser consumido pelos expectadores –, chamada por alguns estudiosos de “sociedade do espetáculo”, é marcada pelos seus espetáculos discursivos. O crescente uso dos meios de comunicação de massa para integrar ideais, afirmar valores, fortalecer posições ideológicas, interesses e instituições é um fenômeno que há um bom tempo vem ocupando espaço na sociedade brasileira (...) (SILVA e SOARES, 2009).



Jornais, rádios, revistas, televisões e a internet são algumas ferramentas midiáticas que, segundo os autores, estão nas mãos de instituições políticas, religiosas, empresariais etc. para conquistarem seus objetivos dentro dessa “sociedade do espetáculo”. Em outras palavras, em um mundo onde somos o tempo todo bombardeados pelas mídias, ideais, crenças e valores são disseminados por elas, muitas vezes de forma intencional. Nesse sentido, os discursos midiáticos são mecanismos eficientes nas práticas de letramento e relações de poder, tendo em vista que atingem um contingente significativo de pessoas e as *letram* de tal forma a criar relações de assujeitamento<sup>1</sup> e desigualdades das mais diversas.

Entre outros, o discurso religioso tem sido muito difundido nos dias atuais, principalmente o pentecostal. Prova disso é que atualmente a vertente cristã que mais cresce no mundo é a evangélica (CORRÊA, 2007). No Brasil, seus adeptos representam hoje 18% da população; há duas décadas essa cifra era de 7% (GONÇALVES E FERREIRA, 2014). Além disso, os evangélicos estão influenciando o Brasil dos esportes à política, das favelas aos bairros nobres, dos presídios à televisão (EDWARD, 2002). É nesse contexto que os discursos religiosos, usufruindo das diversas mídias, tornam-se significativos na construção identitária dos sujeitos. Por meio da leitura dessas mídias, práticas de letramento são construídas, pois fazem uso da linguagem para criar sentidos que, por sua vez, agregam identidades.

O discurso religioso define-se como “aquele em que fala a voz de Deus: a voz do padre – ou do pregador, ou, em geral, de qualquer representante seu – é a voz de Deus” (ORLANDI, 2003). Notamos, então, uma discrepância hierárquica entre locutor e ouvinte. Um deles é homem e o outro uma figura de um plano espiritual superior. “A assimetria original decorrerá em outras, pois a desigualdade – *imortalidade e mortalidade* – instala, aos homens, a relação *vida e morte*.” (GONÇALVES E FERREIRA, 2014). E, segundo o discurso religioso, a única forma de conseguir salvação para a vida eterna é pela fé. Nesse sentido, os discursos religiosos têm como principal objetivo converter aqueles que não se assujeitam a Deus para que estes passem a ter fé.

Por outro lado, como aponta Orlandi (2003), “o discurso religioso não apresenta nenhuma autonomia, de modo que o representante da voz de Deus não pode modificá-lo de forma alguma”. O que está escrito, assim está. Cabe a esses portadores humanos da voz de Deus ler e fazer possíveis e limitadas interpretações, de acordo com os interesses da instituição.

1. Adotamos aqui o conceito de *assujeitamento*, tão utilizado pelo nosso referencial teórico. Ao pensarmos na existência de ideologias por trás dos sujeitos, já estamos confirmando a existência de um assujeitamento intrínseco a todos na sociedade.





Entretanto, se a voz de Deus afirma “A”, seus portadores não poderão reproduzir “B”, pois correm o risco de não serem ouvidos.

Na perspectiva cristã, o ser humano é inclinado ao pecado e ao não assujeitamento a Deus. O discurso religioso tentará conduzir o homem ao reconhecimento do pecado, levando-o a submeter-se (de forma livre) à voz de Deus. Não se trata, porém, de utilizar-se de força, pois a ideologia por trás do discurso se encarrega disso. “O funcionamento da ideologia transforma a força em direito e a obediência em dever” (FIORIN, 1990).

Na perspectiva da análise do discurso de linha francesa, os sujeitos não são vistos como “organismos humanos individuais”, mas como representação de “lugares determinados na estrutura de uma formação social”. Dentro dessa perspectiva, na Igreja, por exemplo, há “o lugar” do pastor e dos fiéis, cada um marcado com discursos previamente determinados. Assim, um sujeito no lugar de pastor não poderá discursar sobre qualquer temática que não esteja relacionada àquelas esperadas por ele.

#### 4. Análise de dados

À luz dos apontamentos feitos até aqui e, principalmente, no que tange ao aumento considerável do número de evangélicos no país e no mundo, cabe-nos pensar em como, por meio do discurso religioso a que têm acesso, mais e mais indivíduos assujeitam-se livremente à ideologia por nós referenciada e a reproduzem nos meios em que circulam. Este artigo ainda não dará conta da análise completa, tendo em vista a complexidade da questão. Limitamo-nos a ver, em uma situação real, como os sujeitos reproduzem a ideologia cristã em suas práticas cotidianas, como a tecer comentários sobre uma notícia de um site destinado ao público evangélico.

Com o cuidado de não oferecer conclusões absolutas e generalizadas sobre essa questão, haja vista o recorte realizado, buscamos oferecer problematizações sobre como o letramento está relacionado com a formação identitária do sujeito, que podem ser pontos de partida para outros estudos sobre essas questões.

Como fonte de dados, utilizaremos uma notícia – transcrita abaixo – divulgada no site <https://noticias.gospelprime.com.br/> intitulada “Mais de 3000 povos nunca ouviram falar de Jesus”. A escolha por essa notícia se deve ao fato de ela ter circulado amplamente desde a data de publicação, uma vez que, em março de 2016, a página no Facebook.com da Gospel Prime já contava



com mais de 300 mil seguidores, além do fato de apontar para o contato entre povos com diferentes práticas religiosas e, por conseguinte, com diferentes identidades.

Líderes evangélicos conhecidos, como os pastores Rick Warren e Francis Chan estão unindo forças para uma conferência que deseja desafiar a Igreja a retomar seu ardor missionário. Ainda existem 3.226 povos (grupos étnicos) que nunca ouviram falar de Jesus.

“Como parte de uma iniciativa global, queremos ajudar a levar as boas novas do Evangelho para os 3.000 grupos étnicos que ainda não foram alcançados! Essas pessoas, espalhadas em diversas partes do mundo, não possuem a Bíblia em sua língua, nenhum crente conhecido, e nenhuma igreja para representar o corpo de Cristo”, escreveu Warren num convite para o evento de lançamento que ocorrerá em dezembro na Igreja de Saddleback, Califórnia, que ele pastoreia.

Os palestrantes convidados são Francis Chan e Paul Eshleman, além de outros especialistas em missões que desejam estabelecer um plano para que esses grupos não alcançados possam ter acesso ao Evangelho até o final desta década.

O evento foi batizado de *Finishing the Task* [Finalizando a Tarefa]. O site oficial lembra que “Jesus nos deu a tarefa de fazer discípulos de todas as nações, e sabemos que, no final de tudo, haverá pessoas de toda tribo, língua, povo e nação ao redor de seu trono.” (...)

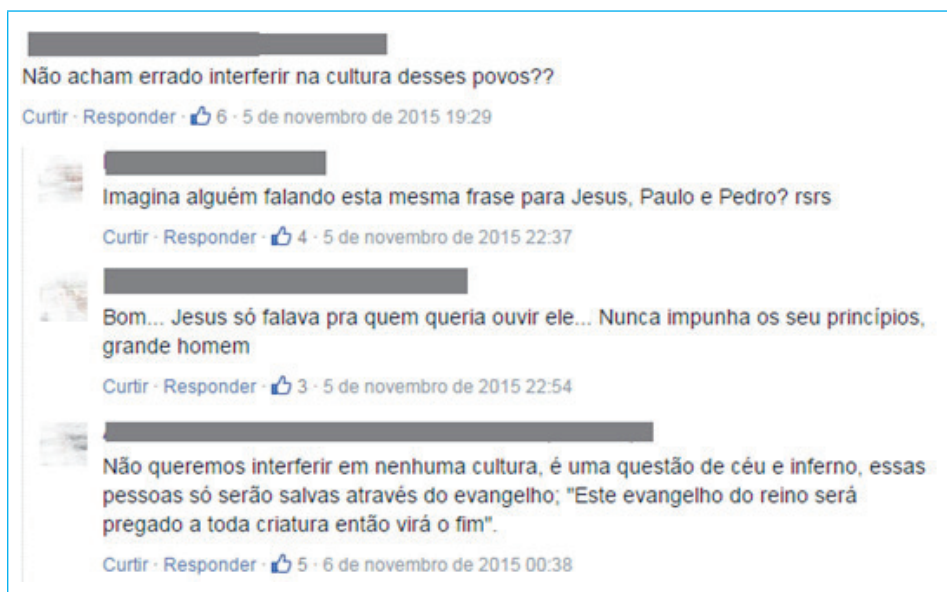
A notícia, de caráter negativo ao seu público, atenta ao fato de mais de 3.000 povos não terem nenhum tipo de contato com o Cristianismo. Lembra ainda as palavras de Jesus, que ordena aos seus discípulos, regra essa que até hoje rege a Igreja, que levem a palavra da Igreja a todos, para que todos tenham acesso a ela.

Está aí uma estratégia muito utilizada pela igreja cristã. Jesus deixa uma regra clara: sua memória deve ser levada a todos, como nesta passagem do evangelista Mateus: “Portanto ide, fazei discípulos de todas as nações, batizando-os em nome do Pai, e do Filho, e do Espírito Santo” (Mateus 28:19). Desse modo, todos devem conhecer e crer Nele. Toda e qualquer outra religião não é aceita pelo Cristianismo. Ele é o único caminho que levará à vida eterna. Todos devem sujeitar-se a Jesus, representado na Terra pela Igreja e seus representantes, tendo em vista que eles são detentores da palavra que leva à salvação.



Uma das funções/obrigações de um fiel dentro do Cristianismo é ser porta-voz do assujeitamento a Ele. Se há pessoas ao seu redor que não creem Nele, o indivíduo deve, como bom cristão, fazê-las crer. Em casos mais complexos, como os narrados na reportagem, os indivíduos nem sequer têm acesso à Bíblia (livro sagrado cristão) traduzida em sua língua, complicando ainda mais as possibilidades de assujeitamento. Nesse caso, a Igreja investe no conhecimento de todas as línguas, abrindo assim a possibilidade de tradução do seu livro para todas as línguas, permitindo o acesso a Jesus e, conseqüentemente, à conversão. Povos que recusam o assujeitamento a Jesus geralmente são tachados de imorais e merecedores da miséria por recusarem Deus: “Quem crê Nele não é condenado; mas quem não crê já está condenado, porquanto não crê no nome do unigênito Filho de Deus” (João 3:18).

Logo abaixo da reportagem, observamos alguns comentários, como os aqui selecionados:



O primeiro comentário vem de encontro a uma crítica à reportagem, que incita um engajamento maior das Igrejas na “conquista” desses povos. O leitor pergunta: “Não acham errado interferir na cultura desses povos?” O leitor sugere que nada seja feito, para que os povos que não conhecem Jesus continuem sem conhecê-lo, com sua cultura e suas crenças. No mesmo dia, algumas horas depois, outro leitor responde refletindo sobre a audácia de alguém fazer tal comentário blasfemo – do ponto de vista cristão – a Jesus, Paulo e Pedro. Termina com risos virtuais: *rsrs*.

Novamente, o primeiro comentarista retribui o comentário afirmando que Jesus não impunha suas ideias e princípios a



ninguém. Por que então agora assim fazê-lo? Para finalizar, um terceiro indivíduo responde: “*Não queremos interferir em nenhuma cultura, é uma questão de céu e inferno. Essas pessoas só serão salvas através do evangelho; Este Evangelho do reino será pregado a toda criatura então virá o fim*”.

O terceiro sujeito acredita que interferir na cultura de outros povos tentando convencê-los de que aquilo que já creem está errado e que devem crer em Jesus não é interferência, mas sim uma necessidade. Muito claramente, percebemos a reprodução de um discurso muito presente nas igrejas: “Uma questão de céu e inferno”. O sujeito de fato acredita estar fazendo o melhor àquele povo propiciando a única forma de salvação existente: o assujeitamento a Deus.

Para concluir seu discurso, o leitor cita algum trecho bíblico para reafirmar o que já havia dito e demonstrar que possui autoridade no que diz (neste caso, a própria palavra de Deus), não dando espaço para contestações, pois quem disse não foi ele, ser humano, mas o próprio Deus.

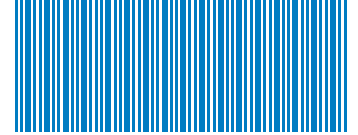
## 5. Conclusões

Após analisarmos esses trechos de comentários cristãos, percebemos quão bem demarcado é o discurso cristão e o quanto esses discursos são perpassados a fim de que um maior número de pessoas possam ter acesso a ele. É um discurso que evidencia a vontade de propiciar o “céu” a todos. Todos podem, contanto que renunciem a qualquer outra crença e ao não assujeitamento a Deus.

Muito embora a notícia esteja em um site destinado ao público evangélico, notamos que há leitores que não concordam com o todo da notícia divulgada, o que nos leva a crer que há indivíduos que têm acesso aos discursos religiosos, mas que nestes não há nenhum tipo de livre assujeitamento. Notamos o oposto: resistência ao polo passivo e contestação das ideias inclusive com argumentos bíblicos. Talvez isso se deva aos outros letramentos a que esse sujeito teve acesso, de outras esferas discursivas e ideológicas.

Ao estar imerso nesse espaço discursivo, potencializado de forma exponencial pelas novas mídias, o sujeito não consegue manter uma identidade homogeneizada. Estamos o tempo todo tendo a identidade alterada e/ou firmada.

As ideologias são constantemente transmitidas, e os sujeitos as reproduzem em seus discursos. No caso do discurso religioso,



o sujeito crê estar falando de acordo com Deus e sua vontade. Quanto mais submerso nesse discurso, mais próximo de Deus. Isso significa, muitas vezes, abandonar hábitos e ambientes. Por outro lado, como já citamos, há outros sujeitos que não reproduzem a ideologia cristã, mas a criticam de modo a, também, firmar uma identidade e resistir ao assujeitamento passivo.

Os letramentos ideológicos são tão ativos que muitos desses discursos chegam às rodas de conversa, são transpassados de indivíduo a indivíduo, e chegam à escola, muitas vezes pela figura do professor. O acesso à internet colabora na transmissão desses valores que chegam de outros modos àqueles que não têm acesso. Desse modo, até os que não contam com acesso direto à fonte são atingidos pelo mesmo discurso de assujeitamento.

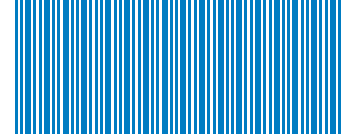
Os assujeitados, por sua vez, acreditam estar usufruindo da melhor forma de seu “livre-arbítrio” e se assujeitam com prazer, fazendo o possível para que outros também possam assim o fazer. “Um das ‘vantagens’ do assujeitamento ideológico é que não se precisa usar a força bruta, pois a ideologia interpela livremente os sujeitos (para que eles aceitem ‘livremente’ sua sujeição) e lhes impõe lugares, papéis e funções”, concluem Silva e Soares (2009, sp).

“Considerando a dinamicidade da cultura, os valores que vão absorvendo os sujeitos na sociedade atual sofrem contribuição do fluxo mediático. Por meio dos meios de comunicação, propagam-se ideias (...) e possibilitam construções identitárias.” (SILVA, 2006). Não somente as mídias desempenham essa função, como o próprio “outro” com o qual temos contato direto ou midiático. Esses contatos possibilitam novas práticas de letramentos ideológicos que, por sua vez, serão reproduzidas em todas as esferas de circulação do sujeito. Quanto aos discursos religiosos, notaremos, por um lado, aqueles que reproduzem a ideologia de assujeitamento a Deus e, em contrapartida, outros que a criticam, resultado de outras práticas de letramento e, portanto, de outra construção identitária.

## REFERÊNCIAS

BRANDÃO, Helena H.N. *Introdução à análise do discurso*. Campinas: Editora da Unicamp, 2004.

CORRÊA, Rafael. Os templos-espetáculo. *Revista Veja*, São Paulo, n. 2037, p. 126-133, 5 dez. 2007.



EDWARD, José. A força do Senhor. *Revista Veja*, São Paulo, n. 1758, p. 88-105, 3 jul. 2002.

FIORIN, José Luiz. *Linguagem e ideologia*. 7ª ed. São Paulo: Editora Ática, 1990.

GONÇALVES, José A.T.; FERREIRA, Nilton C.F. Testemunhos de conversão do sistema prisional: discursos, religião e ideologia. *Revista Estudos da Linguagem*, Belo Horizonte, v22, n. 2. p. 195-218, jul/dez. 2014.

JORDÃO, Clarissa M. As lentes do discurso: letramento e criticidade no mundo digital. *Trabalhos em Linguística Aplicada, Campinas*, 46(1): p. 19-29, jan./jun. 2007.

KLEIMAN, Angela B. Modelos de letramentos e as práticas de alfabetização na escola. In: KLEIMAN, Angela B. (Org.). *Os significados do letramento: uma nova perspectiva sobre a prática social da escrita*. Campinas: Mercado de Letras, 1995.

MORTATTI, Maria do Rosário Longo. *Educação e Letramento*. São Paulo: UNESP, 2004.

ORLANDI, Eni P. *A linguagem e seu funcionamento*. 2ª ed. Campinas: Pontes, 2003.

PINHEIRO, Petrilson A. Construções sociais de gênero no ciberespaço: novas práticas sociais de letramento. *Revista Estudos da Linguagem*, Belo Horizonte, v.15, n. 1, p. 129-146, jan./jun. 2007.

SILVA, Alessandro A.; SOARES, Alexandre S.F. Memória e discurso religioso na coluna sentimental: a (des)construção de uma identidade em meio a cultura do espetáculo. *Anais do 1º Seminário Internacional de Ciência, Tecnologia e Ambiente UNIOESTE*. Cascavel. 2009

SILVA, Elizete C. Pensando o “outro” e a construção identitária na sociedade contemporânea. *Revista Mediações*, Londrina, v. 11, n. 1, p. 189-198, jan./jun. 2006.

Recebido em: 2/03/2016

Revisto em: 30/03/2016

Aceito em: 23/03/2016

[www.veracruz.edu.br/instituto](http://www.veracruz.edu.br/instituto)

